

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *folha de São Paulo* 208 Class.: *Nordeste Amazônico*

Data: *10 de fevereiro de 1992* Pg.: _____

Cimi denuncia exploração sexual de índias

Garimpeiros e soldados são acusados de levar doenças venéreas para o interior das tribos através do sexo forçado

Livro relata a violência sexual contra garotas no Amazonas

O antropólogo Antônio Maria de Souza, pesquisador do Museu Emílio Goeldi, em Belém, publica neste ano um livro sobre sua longa experiência em São Gabriel da Cachoeira, no Norte do Amazonas, onde relata a prostituição entre índias e até casos de hordas de soldados violentando mulheres em grupo. Ali foi instalado o projeto Calha Norte e passou a rodovia Perimetral Norte. O nome de seu livro é "Kariwa Retewa Kariwa Nungara" (Branco Verdadeiro, Branco Falso).

"Quando começaram a chegar na cidade os trabalhadores das estradas e os contingentes militares, obviamente o número de homens se tornou desproporcional. Nos arredores da cidade se instalaram dois cabarés (puteiros) e, frequentemente, chegavam prostitutas de Manaus. Por outro lado, um fato comum até bem pouco tempo era um grupo de homens (em geral recrutados de folga) pegarem uma mulher do rio Negro (índigena), geralmente jovem, 'arrastarem' para um lugar ermo e praticarem 'a geral', ou seja, uma curra.

"Estes fatos se repetiram inúmeras vezes, apesar de algumas punições aos agressores. Comenta-se na cidade que 'elas gostam disso...' Na verdade, inúmeros desses fatos nos foram narrados.

"O índio tucano Gabriel Gentil, juntamente com outros companheiros, escreveu em 1982 um 'Manifesto do povo de Pari-Cachoeira' onde se lê: 'O branco emprenha a índia, tudo está certo. Mas onde é que nós indígenas emprenhamos as brancas? Se um dia qualquer, mulher branca que aparecer vai ser emprenhada pelos tucanos, filha de quem quer seja: de militares ou civis, de qualquer nível ou religião, podem esperar que o tucano vai ser preso e castigado. Esta é a integração ou racismo? Em 1978, quando eu, Gabriel Gentil, tucano de Pari-Cachoeira/AM, estive servindo no Exército Brasileiro, em São Gabriel da Cachoeira, eu vi com meus olhos como uma mocinha chamada Larita, de 18 anos de idade, foi agarrada por 11 recrutas brancos do Exército. Eu os vi trepando em cima dela e satisfazendo-se no corpo da moça, durante a noite: desde as 8h da noite até as 3h da madrugada. De repente, a moça foi emprenhada'." (GD)



Yoyanamy, hoje com 13 anos, carrega o filho que teve depois de ser vendida pelo pai



O cacique Raiaou, da nação jaminawa (AC), que vendeu sua filha a um caixeiro-viajante

Cacique troca filha por 12 garrafas de cachaça

Índio se ofendeu quando quiseram a mulher dele

O cacique Raiaou, da nação jaminawa, mora numa tribo no município de Assis Brasil, reserva de São Lourenço, no Acre. Ganhou com os homens brancos o vício da cachaça —até hoje não se libertou. Um "marreteiro", nome dado na Amazônia para o caixeiro-viajante, ofereceu-lhe 12 garrafas de cachaça. Queria em troca sua filha, Yoyanami. Negócio feito.

A história foi contada pelo próprio Raiaou, numa conversa traduzida por José Corrêa

da Silva (Tunumã), também jaminawa. Raiaou recusou, entretanto, quando lhe pediram a própria mulher. "Eu falei: me respeita seu filho da puta". José Corrêa da Silva, um dos dirigentes da União das Nações Indígenas (UNI) conta que esse tipo de troca é extremamente comum e prejudicial —já que leva doenças venéreas para dentro da tribo.

Os "marreteiros" viajam pelos rios da Amazônia, levando alguns produtos no barco —inevitavelmente segue a cachaça. O sexo vira moeda:

as virgens e as meninas mais novas são as mais disputadas.

Os religiosos da missão Catrimani, onde há uma tribo ianomami, exercem severa vigilância e são auxiliados por um posto da Funai próximo ao local. Yoyanamy, de 11 anos, conseguiu escapar do assédio de homens brancos graças à ajuda dos pais. Em dezembro do ano passado teve uma filha —uma ianomami legítima, apesar de a tribo estar muito próxima da área de garimpo e da estrada Perimetral Norte. (GD)

GILBERTO DIMENSTEIN
Diretor da Sucursal de Brasília

As meninas indígenas são uma das principais vítimas da exploração sexual —prostituídas, muitas delas acabam na rota do tráfico. O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) acusa garimpeiros e soldados do Exército de levarem doenças venéreas para dentro da tribo. Um documento a ser lançado este ano pelo antropólogo Antônio Maria de Souza, pesquisador do Museu Emílio Goeldi, afirma que soldados em grupos violentavam índias em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. O ex-cacique Raiaou admite que trocou sua filha por 12 garrafas de cachaça. E a índia Marinês viu funcionários do Ministério da Saúde embebedarem um cacique da nação jamamadi, ganhando em troca duas meninas.



Estupros levam doenças venéreas para as tribos

Meninas indígenas vêm sendo contaminadas com doenças venéreas por garimpeiros e soldados do Exército —muitas delas, atraídas para as cidades, entram em prostíbulos e acabam no tráfico de crianças pela Amazônia. A denúncia é assumida pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), vinculado à CNBB, e por lideranças indígenas do Pará, Amazonas e Acre. "A prostituição entre as garotas índias é alarmante", diz Antônio Aripuanã, coordenador da União das Nações Indígenas.

No começo de janeiro, índios jaminawa foram para Rio Branco, capital do Acre. As meninas se ofereciam sexualmente aos repórteres que iam entrevistá-las. Queriam dinheiro ou comida. "A índia vem para a cidade e não tem qualificação. Vender o corpo vira uma alternativa", afirma Antônio Aripuanã, de Rio Branco.

O coordenador do Cimi na Amazônia, Michael Feeney, diz ter recolhido vários depoimentos de meninas índias violentadas por grupos de soldados —a informação é ratificada por Sebastião Manchineri, integrante da Coordenação das Nações Indígenas (Coaiab). "Os camioneiros trazem meninas e, no caminho, as usam sexualmente", diz Manchineri.

As meninas índias não têm a menor informação sobre doenças venéreas. "Isso não existe na tribo", afirma Manchineri. E, na cidade, entram no círculo vicioso da miséria, sempre atingidas pelas mais variadas doenças. Segundo ele, os homens têm um "prazer especial" pela virgem. "Eles subornam com bebida um

índio para ter sua filha."

Inês de Lima Dias, uma índia tuicana que coordena a Associação da Mulher Indígena, em Manaus, diz estar acostumada com as histórias de prostituição. Um dos motivos é, segundo ela, a bebida. Nas cidades, os homens se entregam ao alcoolismo —o que também ocorre, mas em menor escala, com as mulheres. A miséria e a falta de qualificação, para Inês, tornam a prostituição atraente. "É um caminho de difícil volta."

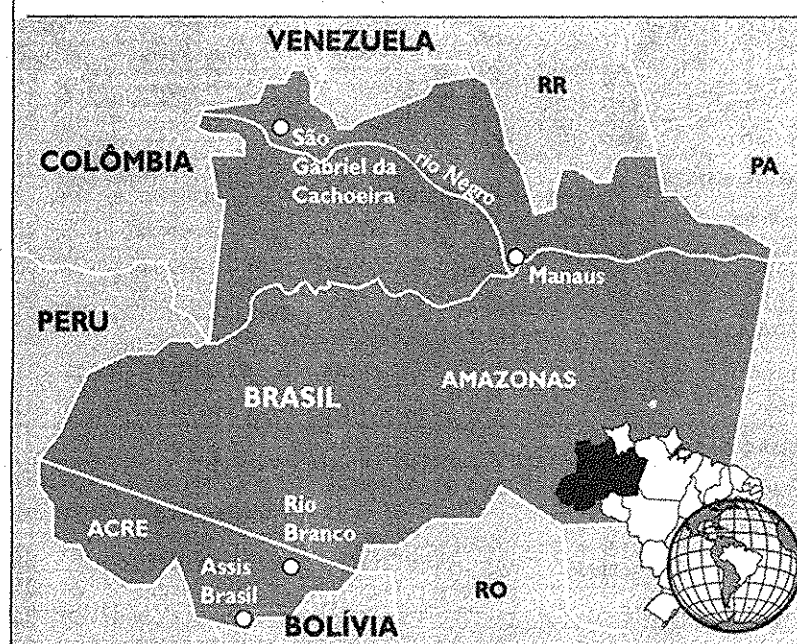
O médico do Cimi no Acre, Marcos Pellegrini, foi um dos primeiros homens brancos a conhecer tribos ianomami, na serra do Surucucuno, norte de Roraima. Ele cota que as índias se assustavam ao vê-lo porque tem olho azul. "Pensavam que eu era assombração." Não constatou, então, problemas de saúde. Morou três anos com os ianomami.

Mas vieram o garimpo e a presença militar. No ano de 1986, ele voltou para a região. Notou que as mulheres já não se espantavam com seus olhos azuis. Também notou que muitas delas estavam contaminadas com doenças venéreas e não sabiam. Ele disse que ficou realmente impressionado porque muitas delas se ofereciam a ele. Uma delas mostrou uma estranha curiosidade. Perguntou-lhe se, entre os brancos, não havia mulheres.

De início, ele achou a pergunta engraçada. Mas entendeu: "Elas só viram pela frente soldados e, principalmente, garimpeiros, que as usavam. Nunca viram mulheres." (GD)

AS ÍNDIAS ESCRAVIZADAS

Onde ficam S. Gabriel da cachoeira e Assis Brasil



Exército desconhece incidentes, diz general

Da Sucursal de Brasília e do correspondente em Manaus

O chefe do Centro de Comunicação Social do Exército, general Naldo Neves de Oliveira Bastos, não quis comentar as informações sobre abusos sexuais praticados por soldados contra meninas índias no norte do Brasil. Ele disse que o Exército não tem conhecimento desses fatos. afirmou que iria esperar a publicação da reportagem para falar em nome da instituição.

O comandante do 5º Batalhão Especial de Fronteiras (BEF) do Exército em São Gabriel da Cachoeira (AM), coronel Francisco Abrão, nega que soldados do

Exército estuprem índias. Segundo ele, as "índias é que tentam estuprar os soldados quando estão no cio".

"Eu tenho que segurar meus soldados porque eles não podem se aproveitar dessa deficiência das índias", afirmou o coronel. Ele disse que, dos 45 processos criminais da comarca de São Gabriel da Cachoeira, 30 são relativos a estupro, mas que em nenhum deles o indiciado ou acusado é soldado do Exército.

Para Abrão, os soldados estão sendo vinculados ao estupro de índias por "pessoas que querem falar o que o Primeiro Mundo quer ouvir".